

Moção1. de Apoio ao Povo Argelino

Desde o dia 22 de fevereiro de 2019 acontecem manifestações massivas do povo argelino contra o regime autocrático do atual presidente Abdelaziz Bouteflika, no cargo desde 1999. Milhões de pessoas, dentre elas uma forte presença de jovens e trabalhadoras/es ocuparam as ruas de Argel contra a possibilidade de um quinto mandato do presidente, ou a extensão do mandato atual.

A Federação das e dos Trabalhadores de Petróleo e Gás (FTPG) convocou a categoria a fazer greve se somando a mobilização popular contra o regime e pela soberania nacional, na luta em continuidade ao 11 de dezembro de 1960 (revolta popular contra o colonialismo francês, duramente reprimida) e o 5 de outubro de 1988 (revolta da juventude contra o regime).

Em meio ao aprofundamento da crise política, o Partido das e dos Trabalhadores da Argélia afirma que não há possibilidade de nenhuma reforma ao sistema político, retirando-se da Assembleia Nacional. Para o PT da Argélia, a única solução que corresponde as aspirações do povo é “a convocação de uma assembleia nacional constituinte soberana, cuja única missão é elaboração de uma constituição democrática.”

Nós da JPT nos solidarizamos com o povo argelino neste momento crítico do país podendo ser uma luz da nossa luta a ser travada no Brasil contra os ataques do governo Bolsonaro e as instituições podres que mantém Lula preso político e não refletem a vontade da maioria da população.

Moção2. de repúdio à prisão do DJ Renan (RJ)

No dia 24/03 o DJ Renan da Penha após ter sido inocentado em primeira instância, foi condenado a 6 anos e oito meses de prisão por associação ao tráfico de drogas. Esse acontecimento escancara mais uma vez a perseguição que a população negra e pobre sofre no Brasil, já que as acusações apresentadas são frágeis e apontam uma parcialidade na criminalização das atividades culturais e sociais promovida nas favelas do Rio de Janeiro.

O DJ está sendo vítima do judiciário que utiliza do preconceito de classe para acabar com as poucas atividades culturais que existem no complexo da Penha. Esse mesmo judiciário que deixa impune Aécio Neves e o senador José Perrela, que teve um helicóptero com mais de 400kg de PASTA BASE DE cocaína apreendido, é o mesmo judiciário que mantém o ex-presidente Lula preso sem provas. A prisão do DJ Renan, assim como a prisão de Lula é uma prisão política causada pela manutenção de um sistema judiciário que concede privilégios a elite brasileira e respalda o encarceramento em massa da juventude negra e pobre.

A Juventude do Partido das e dos Trabalhadores presta solidariedade às e aos amigos e familiares do DJ Renan fãs e toda comunidade do funk, repudia qualquer tipo perseguição de classe, gênero e raça. Defendemos que o DJ Renan e todos/as aqueles/as presos/as nas mesmas condições tenham direito à ampla defesa, julgamento justo e a presunção da inocência garantidos.

Moção3. DE APOIO À SOBERANIA NACIONAL DA VENEZUELA

Diante do cenário que nos é apresentado mundialmente de acentuação da pressão estrutural do capital para expropriação, saque de direitos e recursos naturais dos territórios, o campo democrático-popular e o Partido das e dos Trabalhadores, em especial, têm o compromisso histórico de defesa da autodeterminação dos povos e do direito à soberania nacional.

Assim, a Juventude do PT se solidariza com os países em situação de constante ataque do imperialismo e das oligarquias nacionais, tendo em vista da centralidade da defesa da soberania dos povos latino-americanos que no último período têm sido atingidos pela tentativa estadunidense de retomar sua influência por meio de novas abordagens de dominação. A Venezuela possui a maior reserva de petróleo descoberta do mundo e a segunda em minérios, seguido pelo Brasil com o Pré-Sal, e é este o real interesse da intervenção estadunidense no país venezuelano. Defender a Venezuela, junto à Campanha Lula Livre e a luta contra a Reforma da Previdência, deve pautar o PT e a JPT.

A crise econômica na Venezuela que se aprofundou nos últimos tempos, vem sendo enfrentada há mais de uma década pelo povo venezuelano, desde 2012, quando uma Refinaria da PDVSA (petroleira venezuelana) foi incendiada a mando dos norte-americanos para iniciar uma campanha de desestabilização contra a Venezuela.

Em 2013, os capitalistas e empresários venezuelanos iniciaram uma campanha de sabotagem econômica, onde escondiam em galpões alimentos e itens de consumo, esvaziando as prateleiras dos mercados e causando uma grande crise de desabastecimento. Esta tática sempre foi utilizada para derrubar governos populares e nacionalistas na América latina. O caso mais emblemático foi o Chile dos anos 70, quando o governo de Salvador Allende foi derrubado por um golpe liderado pelos norte-americanos e os ditadores como Pinochet.

Existe hoje um boicote econômico à Venezuela que afeta a população nos seus direitos mais básicos como saúde e alimentação. Este boicote criminoso e genocida imposto pelos EUA e seus países aliados é a verdadeira causa da crise, pois faz com que milhares de pessoas sofram por falta de remédios, médicos e produtos de primeira necessidade. Os países que condenam a Venezuela ao bloqueio econômico, são os mesmos que vem oferecer "ajuda humanitária". Porém, mesmo enfrentando dificuldades, o povo e os trabalhadores venezuelanos escolheram defender o governo Maduro e contra o golpismo comandado pelos Estados Unidos e a ameaça de guerra.

O momento, portanto, não permite vacilações: não há meio termo entre Maduro – um presidente democraticamente eleito – e a oposição. O gesto simbólico de garantir a presença da companheira Gleisi Hoffmann, Presidenta do PT, na posse de Maduro representa a disposição incansável deste partido na defesa dos povos vizinhos que sofrem das mesmas violências que o povo brasileiro. Assim, evidenciam-se dois projetos em disputa: um de soberania nacional e outro de entrega e submissão aos EUA. Quem deve decidir sobre seus próprios assuntos é única e exclusivamente o povo venezuelano, sem ingerência externa.

RESOLUÇÃO POLÍTICA DO ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES PETISTAS

Nos dias 4 a 7 de abril de 2019, um ano após a prisão injusta e arbitrária do companheiro Lula, estudantes de todo o Brasil se reuniram na cidade de Curitiba para a realização do Encontro Nacional de Estudantes Petistas. O ENEPT, que volta a acontecer pela primeira vez desde 2013, veio à Curitiba neste momento de resistência e luta. As e os estudantes petistas não abrem mão da liberdade de Lula e se somam ao conjunto dos demais movimentos populares na Jornada Lula Livre.

Neste 1 ano em que Lula está preso estudantes brasileiras/os viram vários de seus direitos ameaçados, suas organizações sendo alvo de perseguição política e a Educação brasileira em risco pela ascensão do obscurantismo, conservadorismo e da ofensiva neoliberal. Isso evidencia o que já anunciávamos no Congresso Extraordinário da Juventude do PT em 2018: que a prisão de Lula, além de continuidade do Golpe de 2016, era o principal meio para aprofundar o ataque neoliberal que tem como objetivo impedir que a classe trabalhadora, juntamente com as organizações de juventude, enfrente a burguesia internacional e nacional à altura do grau de acirramento em que se encontra a luta de classe no Brasil e no Mundo.

O cenário em que se encontra o processo de desenvolvimento do sistema capitalista explicita o óbvio: diante da crise oriunda do capital financeiro, e o capitalismo, hoje, aprofunda a concentração de renda e a destruição das condições de vida da classe trabalhadora, principalmente a juventude negra e as mulheres.

O imperialismo não pode conviver com países soberanos que procuram se inserir no sistema internacional de forma autônoma buscando construir uma multipolaridade e que defendem suas riquezas e seu povo. Conforme as diretrizes construídas na política externa do governo petista por meio da UNASUL, BRICS e as relações de cooperação Sul-Sul. Esses elementos compõem a dimensão internacional do Golpe de 2016 ocorrido no Brasil, de outros processos de desestabilização na região e, especialmente, o caso da Venezuela ameaçada de intervenção militar por Donald Trump.

No Brasil, com o rompimento da democracia, há cada vez menos espaço para combinar bem estar social e desenvolvimento econômico. Portanto, cresce também a violência política, a tática capitaneada pela burguesia nacional e internacional objetivando não só o silenciamento dos movimentos populares e organizações de esquerda, mas se investe em aniquilar de uma vez por todas os espaços organizativos legitimados e construídos pela classe trabalhadora.

A eleição e os primeiros meses Bolsonaro apontam que a coalizão que o elegeu em 2018 – o capital financeiro, os militares, o judiciário, seu comparsas da Lava-Jato, os setores fundamentalistas das organizações religiosas, os oligopólios midiáticos, principalmente

Bolsonaro e sua família – escolheu a juventude e as/os estudantes como um de seus principais inimigos internos de governo. Isto se dá por saberem da força que nós temos e do símbolo que há na resistência estudantil a governos autoritários como o de Bolsonaro. A exemplo das ocupações estudantis, que foram a primeira e mais poderosa resposta ao início do governo ilegítimo de Michel Temer, nossos inimigos e nossos companheiros sabem o que nós estudantes somos capazes de fazer! Parte da tarefa política dos estudantes petistas é fortalecer a base do movimento estudantil brasileiro para que o medo e a defensiva política fiquem do lado de lá!

Assim, somamo-nos à tarefa de estender à base de nossos movimentos a dinâmica e a cultura de unidade, coesão e solidariedade com as forças que, conscientes da necessidade de libertarmos Lula, derrotarmos o Governo Bolsonaro e **defender os direitos da classe trabalhadora**, querem o PT e as e os petistas como companheiros e aliados. O resultado eleitoral de 2018, como sabemos, renovou a nossa liderança do movimento de oposição a Bolsonaro, bem como de recomposição da esquerda, do movimento popular e de setores que, nesse momento de crise, se posicionam e se comprometem com a luta democrática.

Não apenas Fernando Haddad, nosso candidato que teve 47 milhões de votos, representando Lula e o PT durante as eleições, ao dar centralidade à via educacional, da geração de empregos e da democracia, mas cada militante e filiado do PT sai dessa eleição com a tarefa de dar voz à luta de Lula e dar vez àqueles que não concordam com os rumos que o Brasil tem tomado.

Nós, estudantes petistas, enxergamos que o recado das urnas é de que o PT continua sendo o partido referência da classe trabalhadora e da juventude brasileira. Isso nos impõe responsabilidades e eixos de luta que, neste Encontro, aprofundamos e socializamos com o conjunto da militância.

O primeiro deles é a centralidade da luta em defesa da Previdência que travamos ao enfrentar a proposta de Guedes e Bolsonaro, **nas ruas e no Congresso**. Derrotar **o projeto de destruição** da previdência poderá abrir uma janela histórica que reverta o ciclo de golpe continuado, restabeleça as condições para reconstruir a democracia, e permita às e aos trabalhadores e à juventude acumular forças e conquistar vitórias consistentes. O PT acerta ao colocar tal agenda como prioridade. E nós, estudantes petistas, reafirmamos esse compromisso e contribuindo com a ante-sala deste debate, entendemos que:

- a. O desmonte da previdência ataca particularmente a juventude brasileira, tanto de imediato quanto ao seu futuro. Isto porque somos nós, jovens, que sofremos com os mais altos índices de desemprego e precarização do trabalho, o que se agudizará com a diminuição da oferta de postos de emprego. Além disso, impõe à juventude a decisão de dar sequência aos estudos ou ingressar precocemente ao mundo do trabalho para que tenha a esperança de um dia se aposentar. Isso fará com que milhões de jovens sejam desestimuladas e desestimulados a ingressar nos espaços de formação continuada e profissionalização fazendo com que seus empregos sejam cada vez mais precarizados, de menores salários e alta rotatividade. Soma-se a isso às novas formas de emprego disponíveis como o trabalho por pessoa jurídica e empregos de aplicativos que são colocados em dados oficiais como postos de trabalho sem, contudo, trazer garantias concretas de direitos trabalhistas.

b. A juventude está sendo levada a não ter expectativa de integrar o sistema público de seguridade social, que envolvem não somente a aposentadoria mas diversos outros benefícios e direitos. Incentiva-se, com isso, a naturalização da informalidade – muito presente na realidade juvenil brasileira - e a não contribuição previdenciária, o que diminui ainda mais as receitas que custeiam a previdência pública.

c. Há uma sinalização nítida às juventudes brasileiras de que não há espaço, sob a batuta do neoliberalismo, para a permanência do importante colchão social que engloba as diretrizes da seguridade social previstas na Constituição de 88 e o aprofundamento destas políticas públicas promovido pelos governos petistas e que é de extrema importância para o combate à vulnerabilidade extrema e às desigualdades estruturais brasileiras.

d. A importância da juventude no debate e nas jornadas em defesa da previdência se choca com a dificuldade que temos encontrado em apresentar esta agenda como pauta prioritária a nós em específico. Se por um lado a juventude será a mais atingida, por outro, parece ser a mais alijada dessa discussão e, por consequência, a menos atenta aos impactos em suas vidas. Esta contradição dificulta o nosso papel no convencimento e na massificação de nossas posições, bem como a aglutinação das e dos jovens a esse processo.

O segundo diz respeito aos ataques que vem sofrido a Educação pública brasileira, estudantes e trabalhadoras/es da educação. Fica cada vez mais nítido que o projeto de Bolsonaro para a educação combina o avanço do neoliberalismo com o recrudescimento das mais retrógradas concepções de educação e sociedade. Na educação o governo tem um pé na tragédia neoliberal dos anos 90 e o outro na Idade Média e, ao contrário do que muitos imaginam isso não é um desvio mas o próprio projeto educacional de sua coalizão.

Nós, estudantes, nos solidarizamos com as e os docentes brasileiros que, mesmo sendo a profissão mais importante que temos e que à revelia das péssimas condições de trabalho, dedicam-se com integralidade ao nosso sistema educacional, têm sido constantemente deslegitimadas/os, descredibilizados e atacados pelos políticos que dirigem o governo Bolsonaro. Não deixaremos que as e os professores sejam tratados como inimigos do Brasil. Combateremos a farsa por detrás desse discurso e a base de sustentação de suas políticas. Devemos confiar nos professores, investir em suas formações e valorizar seu trabalho.

Paralelamente, se vê uma ascensão dos projetos que buscam cercar a liberdade de expressão e o pensamento crítico no interior dos espaços educacionais, tanto nas escolas quanto nas universidades. A chamada “escola sem partido”, que, a bem da verdade, significa “escola com mordaza”, tem como objetivo solapar as bases da mediação democrática no interior do nosso sistema educacional. Com uma falsa realidade – a de que há ampla doutrinação de esquerda em nossas salas de aula – eles promovem a desestruturação do sistema democrático de educação que a Constituição e a LDB buscam, em algum grau, instituir.

Esse movimento atende aos interesses de uma ofensiva conservadora e do mercado da educação privada que, além da grande expectativa junto à Educação à Distância que o

programa de Bolsonaro prometia implementar amplamente, procura capturar parte significativa do nosso sistema educacional. Destacamos que o “escola sem partido” articula iniciativas anteriores de cerceamento da educação, para além dos PLs em si, se constituem como um programa estratégico de ataque à liberdade e à democracia. Compõem esse programa, por exemplo, as alterações na BNCC, os ataques à liberdade de cátedra e a comissão de censura da CAPES. A mordaza é um ataque à juventude brasileira e um “cavalo de Troia” em nossas políticas públicas.

Preocupa-nos a não continuidade das políticas afirmativas, de permanência estudantil e democratização do acesso à universidade. A educação é um elemento de emancipação social, além de ser ainda um fator decisivo de diferenciação social no mundo do trabalho brasileiro o que faz do ingresso de jovens negros e negras, periféricos, indígenas, quilombolas, transsexuais, gays, lésbicas, bissexuais, pessoas com deficiência um processo de transformação estrutural da nossa sociedade. Vemos risco eminente à consolidação dessas políticas.

Ressaltamos os ataques às políticas de permanência estudantil que tem como objetivo expulsar da universidade o povo e a diversidade. Além disso, o desmonte das políticas educacionais de diversidade e inclusão, que se materializa com o fim da SECADI/MEC, o ataque às políticas de educação do campo e a destruição da Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Nos colocaremos lado a lado com esses e essas estudantes e com o conjunto dos movimentos sociais para garantir a continuidade e aprofundamento destas ações que tem a marca do PT e das e dos estudantes petistas.

A educação é o passaporte para uma sociedade qualitativamente diferente da que temos hoje, em que a nossa concepção socialista e democrática guiará a socialização da política e do poder para as classes trabalhadores e os seus filhos!

Nós, estudantes petistas, a maioria nascidos na virada do século, crescemos vendo os nossos governos empenhados em efetivar as pautas dos movimentos educacionais e aquilo que o nosso partido acumulou na experiência das políticas públicas. Se por um lado víamos nas instituições a salvaguarda de direitos fundamentais e da forma democrática, por outro vimos os nossos governos aumentarem a moldura da participação popular e social. Este processo nos fez crer que a democracia estava em disputa, mas que com certa estabilidade democrática, pudéssemos radicalizá-la e aprofundá-la.

Deparamo-nos com o grau de derretimento e desintegração das instituições da República de 88. Elas se mostraram alienadas da tarefa de tutelar valores e princípios democráticos. Isto se fez presente tanto no judiciário quanto nas instituições educacionais. A democracia formal e o Estado de Direito esvaziou-se de legitimidade ao suprimir a soberania popular contida nos votos de 54 milhões de eleitores que elegeram Dilma e viram um golpe jurídico parlamentar derrubá-la da presidência.

De lá para cá, o verniz democrático desbotou progressivamente e as instituições foram se apresentando cada vez mais alinhadas com certo partidarismo que buscou isolar, atacar e perseguir o PT, o Lula e os movimentos sociais. O pico mais alto desta escalada foi a prisão arbitrária e injusta do presidente Lula, bem como o impedimento de sua candidatura, ambos

ilegais e fraudulentas articuladas pelo sistema de justiça em todas as suas esferas, por isso a “defesa do STF” é incompatível com a defesa da liberdade de Lula. Existe uma relação direta entre a desintegração democrática e a prisão de Lula e do Partido dos Trabalhadores.

Isso faz com que nós, estudantes petistas, não consigamos enxergar atalhos para a recuperação democrática brasileira que não passem pela libertação de Lula. A prisão de Lula representa a criminalização do movimento estudantil, do conjunto da esquerda e de qualquer projeto democrático e popular, além de sinalizar que as classes dominantes pretendem destruir as condições para que qualquer alternativa de esquerda chegue ao poder e ao governo. Mas, para além de uma questão humanitária e democrática, a luta pela liberdade de Lula e pela anulação das suas penas é central: o nosso presidente só está preso porque ele é o líder popular com a maior capacidade de fortalecer e articular a luta de massas.

Por isso viemos até Curitiba fazer o nosso Encontro Nacional. Para refletir, formular, apontar caminhos e construir nossa política com a campanha Lula Livre em nossos corações e mentes, sendo imperiosa e prioritária em nossa agenda política.

O PT e o Lula são quem mais fazem por nós. Deu as bases para sonharmos e fazermos política de forma mais ousada e corajosa. Ele investiu e confiou em nós pelo o que a educação significa para a classe trabalhadora brasileira e para o futuro das próximas gerações. Nós também confiamos em Lula, lutaremos para tirá-lo desta prisão injusta e sabemos que tão logo ele seja libertado nós poderemos fazer, juntos, o Brasil feliz de novo!

É hora de encampar uma luta sem trégua para fortalecer a luta do movimento estudantil e recolocar suas entidades na linha de frente dessa resistência. A JPT pode e deve se articular para defender essas pautas nas disputas do próximo período desde a base, passando pelos congressos, como o da UNE em junho e da UBES no segundo semestre, e seguir sua luta, sem esperar ou pedir autorização.

A JPT precisa de autonomia para travar sua luta e se apoiar na disposição de jovens que querem resistir e se agarram no PT, como ocorreu nas eleições. Encarar esse desafio é também fazermos um balanço das últimas gestões das entidades as quais compomos. Temos força para avançar nos mandatos destas entidades, disputando a direção política e liderando a resistência, respeitando as diferenças entre nós.

A juventude do PT precisa construir um movimento estudantil que consiga romper com a burocratização e o imobilismo, construindo cotidianamente a rede do movimento estudantil de forma a acumular forças para a derrota do governo Bolsonaro. Isso perpassa, necessariamente, pela nossa capacidade de liderar, enquanto entidades estudantis, os movimentos nacionais em defesa do Lula livre e da educação, para além de teses. Assim, fazemos um chamado a todo movimento estudantil para assumir a bandeira do LULA LIVRE como uma prioridade para o próximo período, encampando esta bandeira no diálogo com as realidades concretas das escolas e universidades onde estão as e os estudantes brasileiros.

Por entidades nacionais que estejam junto da classe trabalhadora nas ruas, junto às frentes e centrais sindicais, para criarmos as condições para enfrentar as ameaças legais e ilegais da extrema-direita, visando retomar as liberdades democráticas e a justiça social.

O 22 de março, dia nacional de lutas das centrais contra a reforma da previdência, marcou a entrada em cena dos trabalhadores e concluiu com a necessidade de preparar a greve geral. O segmento dos professores anuncia o 15 de maio como data da greve para defender a educação de qualidade e a previdência pública e solidária. Os estudantes petistas estarão engajados na construção desse dia de atos e paralisações.

Daqui até lá nos engajaremos no recolhimento de assinaturas contra a reforma da previdência, discutindo em cada universidade e escola a ameaça que a PEC 06 representa aos jovens. Impulsionaremos os comitês Lula Livre, pois não há direitos sem democracia, para ganhar os jovens para essa luta que concentra a defesa das organizações e o direito de cada jovem de lutar por seus direitos.

Propomos à Secretaria Nacional da Juventude do PT lançar, no começo de maio, a primeira publicação de um jornal físico e virtual que expresse nossa diversidade política, com o objetivo de subsidiar os debates locais e a formação política cotidiana do conjunto da nossa militância estudantil. Esse jornal será organizado pela Secretaria Nacional da Juventude do PT, que estruturará o material a ser distribuído periodicamente em toda localidade onde houver militância estudantil do Partido das e dos Trabalhadores.

A primeira publicação do jornal incluirá a síntese dos debates realizados entre os dias 4 a 7 de abril, em Curitiba, no Encontro Nacional de Estudantes Petistas. Além disso, será antecedido por um processo de consulta pública online no que tange à identidade do material, isto é, do nome e da identidade visual.

Damos o mandato deste encontro a uma comissão que represente o conjunto das forças petistas a elaborar uma carta de contribuição da JPT ao 57º congresso da UNE, para apresentar uma política para a UNE no próximo período com o objetivo de organizar a luta no cotidiano dos estudantes, liderando a mobilização estudantil em defesa dos direitos e da democracia e ganhando esse conjunto para a defesa de nossa entidade. Pretendemos, com isso, estender essa prática de formulação política da juventude do PT para as demais entidades estudantis.

Pela liberdade de Lula e do nosso povo, viva a juventude do PT!

Curitiba, 6 de abril de 2019